

## RELATO

# APURA VERDADE: DIÁLOGOS SOBRE INOVAÇÕES PARA PENSAR O ENSINO NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Mônica Cristine Fort<sup>1</sup>; [monicafort@gmail.com](mailto:monicafort@gmail.com)  
Karine Moura Vieira<sup>2</sup>; [karinemourav@gmail.com](mailto:karinemourav@gmail.com)

## RESUMO

Em 2021, as autoras do presente relato iniciaram o projeto *Novas práticas em jornalismo: inovações no ensino para o combate à desinformação*. Oriundo de duas pesquisas anteriores em andamento, reunindo estudantes de iniciação científica de diferentes cidades brasileiras, tem como objetivo dialogar sobre práticas desenvolvidas no contexto do atual trabalho jornalístico. A iniciativa resultou na série de podcasts *Apura Verdade*, um programa de entrevistas com jornalistas e pesquisadores que trabalham no enfrentamento da desinformação, com atuação nas áreas de *fact-checking*, dados e literacia midiática. Trata-se de um produto híbrido de investigação científica e de extensão universitária.

## PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Desinformação. *Fact-checking*. Pesquisa. Iniciação científica.

## 1. INTRODUÇÃO

Apura Verdade é um produto híbrido de investigação científica e de extensão universitária. É um programa de entrevistas, no formato *podcast*, produzido e apresentado pelas autoras deste relato e estudantes em iniciação científica do Centro Universitário Internacional – Uninter. Trata-se de uma das etapas do projeto de pesquisa *Novas práticas em Jornalismo: inovações no ensino para o combate à desinformação*.

---

<sup>1</sup> Jornalista. Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter).

<sup>2</sup> Jornalista. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter).



REALIZAÇÃO



APOIO



O programa começou em agosto de 2021 e até dezembro do mesmo ano foram produzidas dez entrevistas com jornalistas e pesquisadores que trabalham no enfrentamento da desinformação atuando nas áreas de *fact-checking*, dados e literacia midiática. O estudo tem como propósito dialogar sobre práticas desenvolvidas nesse processo e compreender o contexto do atual trabalho jornalístico.

As entrevistas são produzidas e apresentadas pelos estudantes em iniciação científica que utilizam um roteiro de perguntas semiestruturado sobre o tema que está sendo debatido. O material é posteriormente revisado e, quando necessário, editado para exibição na web. São distribuídas em formato de *podcast*, compartilhadas em plataformas digitais. O programa está disponível no YouTube, Spotify, Breaker, Google Podcasts, Pocket Casts, RadioPublic e também em redes sociais digitais como Facebook, Instagram e Twitter. Também foi criado o *site* do projeto Apura Verdade: [projetoapuraverdade.com](http://projetoapuraverdade.com), onde se disponibilizam as entrevistas e informações complementares a respeito de desinformação e formas de combatê-la.

### 1.1 A equipe

O presente relato de pesquisa apresenta o *Apura Verdade* como resultado do referido projeto que integra duas pesquisas em andamento: (1) *Fake news* e amplificação do medo: estudo de instabilidades sociais a partir da proliferação de notícias falsas (desinformação), coordenado pela Profa. Dra. Mônica Fort e (2) Inovação e Empreendedorismo nos Cursos de Jornalismo – Brasil e Portugal, coordenado pela Profa. Dra. Karine Moura Vieira. Além das professoras, participam da realização do programa os estudantes de Jornalismo Daniela Perim Calssi Marroni, Nicole Caroline Thessing Konieczniak, Paulo Pessôa de Andrade Neto, Júlia Caldeira, Bruno de Oliveira Rocha (Bruno Cidadão), Luan da Silva Companhoni, Barbara Possiede, o cientista político João Victor Silva de Sousa e o Prof. Dr. Ivan Bomfim, do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



REALIZAÇÃO



APOIO



O programa foi idealizado em reuniões das equipes de trabalho das duas pesquisas mencionadas. O grupo tinha a intenção de aplicar uma metodologia adequada ao objetivo de aproximar a academia ao diálogo sobre qual tem sido o papel atual do jornalista em meio a proliferação de conteúdos falsos. Por envolver jovens estudantes de Jornalismo de diversas regiões do país atuando no modelo remoto de ensino em função das orientações sanitárias devido à pandemia de Covid-19 e da própria característica do curso ofertado pelo Uninter (formatos presencial, semipresencial e EAD), a produção de entrevistas no formato de podcasts foi a solução encontrada.

Do grupo diretamente envolvido no projeto do Apura, Daniele Calssi e Paulo Pessoa são de Campinas, São Paulo; Nicole Thessing, Júlia Caldeira e Bárbara Possiede são de Curitiba, Paraná; Luan Companhoni, de São Paulo, capital; Bruno Cidadão, de Unaí, Minas Gerais; e o cientista político João Victor Sousa, de Manaus, Amazonas. As entrevistas foram realizadas por meio do software de transmissão ao vivo, StreamYard.

## 2. A ENTREVISTA NA PESQUISA COM JORNALISTAS

Para o desenvolvimento do projeto, a entrevista, a partir de um questionário semi-estruturado, foi metodologia escolhida, pois compreende-se que na pesquisa sobre jornalismo, “a mobilização das falas dos jornalistas como sujeitos da atividade, estabelece um outro nível de observação e compreensão sobre a atividade, os produtos, os valores e a constituição de identidade do grupo profissional e do campo” (VIEIRA, 2017, p. 1). As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro de questões elaborado com cinco eixos: (I) formação e trajetória profissional do entrevistado, (II) problematização da desinformação, (III) jornalismo e *fact-checking*, (IV) inovação e tendências e (V) ensino em jornalismo. Como explica Vieira (2017), a proposição de desenvolver um roteiro foi uma maneira de “conduzir a entrevista de forma dialógica”, em uma interação mais aberta. Afinal, nos podcasts estávamos conversando com jornalistas, que têm o domínio sobre a entrevista, enquanto técnica e prática.



REALIZAÇÃO



APOIO



### 3. DESINFORMAÇÃO E INSTABILIDADES SOCIAIS

A produção e distribuição de conteúdos inverídicos e enganosos com a intenção de influenciar a opinião pública e alterar o comportamento da sociedade protegendo interesses particulares é considerada desinformação, termo “...comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas” (BERGER *in* IRETON; POSSETI, 2020, p. 7). O processo desestrutura conhecimentos previamente difundidos. Em geral, tais narrativas espalham-se por meio de redes sociais digitais, estabelecendo o agendamento público, ou seja, sujeitos passam a debater o assunto com outras pessoas (FORT; CARVALHO, 2021). Expostas às mídias, tornam-se vítimas da sobrecarga informacional e desenvolvem uma relação sujeito-mídia involuntária e compulsória, ou seja, mesmo sem querer, o sujeito recebe um volume cada vez maior de conteúdos, alguns necessários, muitos de entretenimento e outros enganosos, produzidos para se parecerem verdadeiros, mas que provocam desinformação e levam à crescente desconfiança midiática que abala a credibilidade instituições democráticas.

Os convidados da série de dez entrevistas foram (1) Taís Seibt (Agência Fiquem Sabendo), (2) Bernardo Barbosa (Uol Confere), (3) Leonardo Cazes (Aos Fatos), (4) Magali do Nascimento Cunha (Coletivo Bereia), (5) Ana Regina Rêgo (Rede Nacional de Combate à desinformação), (6) Marília Gehrke (Afonte Jornalismo), (7) Chico Marés (Agência Lupa), (8) Sérgio Lüdtkke (Projeto Comprova), (9) Taiane Volcan (MídiaRS) e (10) Ramón Salaverría (Universidade de Navarra e Iberifier). As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro de questões elaborado com cinco eixos: (I) formação e trajetória profissional do entrevistado, (II) problematização da desinformação, (III) jornalismo e *fact-checking*, (IV) inovação e tendências e (V) ensino em jornalismo.

Os entrevistados falam de suas experiências e apontam tendências sobre a atuação do profissional de Jornalismo. Demonstram preocupação com eventos



REALIZAÇÃO



APOIO



políticos, pois na última eleição presidencial, em 2018, houve muita desinformação, ações orquestradas por grupos que espalharam *fake news* e influenciaram os resultados do processo eleitoral. Mencionam que o compartilhamento de informações se dá principalmente pelas características do uso da internet no país. Embora parte do público assuma ter desconforto com o conteúdo que recebe, mantém o consumo informacional em ambientes onde não há chancela de especialistas ou apuração de informações. Ao mesmo tempo em que tais “notícias” despertam desconfiança, ganham adeptos que as compartilham utilizando aplicativos de troca instantânea de mensagens, por exemplo, liberados por operadoras de telefonia móvel mesmo sem o consumidor pagar por pacote de dados.

Taís Seibt (2021), a primeira convidada da série de entrevistas do Apura Verdade, destaca: “Qualquer propaganda de plano pré-pago, vocês já sabem: ‘redes sociais ilimitadas’. Então, o que a gente tem na verdade no Brasil, não é internet. A maior parte das pessoas que está acessando internet está acessando apenas redes sociais, porque é o que tem no seu plano”. Soma-se a isso, as subjetividades que, em grande medida, se impõem à racionalidade das comprovações científicas. Assim, há uma tendência ao consumo do que já se gosta, do que se acredita previamente (ou quer acreditar), do que é familiar.

Com a facilidade de acesso a mídias digitais, o cidadão passou à ação de também informar, tornando-se um “cidadão informante” que registra fatos e compartilha no mundo virtual. “Eles não são jornalistas, mas sabem escrever, sabem pensar, conhecem o assunto – e graças à internet, têm a possibilidade de criar uma informação que chega ao mundo inteiro” (RAMONET, in MORAES; RAMONET; SERRANO, 2013, p. 67). Não se trata mais de um receptor passivo do que é noticiado pela grande mídia. Se a informação não lhe agrada, cria o que acredita ser interessante ou busca outras fontes na internet até achar alguma que lhe satisfaça.

A pesquisadora Marília Gherke fez questão de ressaltar o papel das plataformas digitais e como é preciso a construção de uma visão crítica pela



REALIZAÇÃO



APOIO



população sobre como eles atuam, tendo em vista que muitas pessoas entendem uma publicação nesse ambiente como real e sem interferência e, por outro lado entende que o Jornalismo, enquanto mediador, teria sim um papel desinformativo proposital. “As pessoas não se dão conta que os algoritmos das redes sociais digitais fazem um tipo de intermediação. As pessoas acham que, por exemplo, quando se acessa o YouTube e começa se pesquisar sobre algum tema aquilo ali é o mundo como ele é. E não. Esses algoritmos de recomendação ficam oferecendo mais conteúdo similar àquele que aquela pessoa pesquisou. (...) Essa pessoa não tem a visão crítica que o algoritmo molda o tipo de conteúdo que ela consome. E essa mesma pessoa acha que o jornalismo faz um trabalho ruim, ou mente quando fala um tipo de verdade sobre o presidente e outros, mas acha que quando acessa o YouTube acha que é o mundo como realmente é”.

O segundo entrevistado, Bernardo Barbosa, trouxe reflexões sobre o papel da imprensa e a necessidade de ter uma visão mais estrutural sobre o problema da desinformação, trabalhando para além da checagem, com uma atuação na construção de uma educação midiática. “Acho que a gente deveria começar a produzir um conteúdo que explique como a desinformação funciona. Que tipo de linguagem é usada na desinformação? Como aquilo é feito para mexer muito mais com a sua emoção do que com a sua razão. (...) Isso é um lado que as empresas de comunicação precisam explorar mais. Precisam estar mais próximas da educação midiática”.

Um outro ponto abordado na pesquisa foi a questão da desinformação como estratégia de poder. Para Leonardo Cazes (Aos Fatos) explica que a desinformação é utilizada como estratégia de disputa de poder desde sempre e que isso é muito complexo e não pode ser simplificado. Na sua opinião existe sim “estratégias de desinformação, com o objetivo de desinformar com o papel que é muito específico. Você tentar formar ondas de opinião sobre determinados assuntos. Você começa a bombardear as pessoas sobre aquilo, para criar uma impressão sobre aquilo. (...) Você vai construindo um universo de referências para pessoa que vai com seus interesses”. Ana Regina Rêgo (RNDC) trouxe para



REALIZAÇÃO



APOIO



o debate sobre as estratégias, a questão dos regimes de verdade para o jornalismo e para a checagem. “No Jornalismo e no processo de checagem, a gente tem um regime de verdade claro. O regime da evidência. (...) Eu tenho que me aproximar do fato. E aí existem esses processos e as práticas jornalísticas, que é ouvir várias fontes, se aproximar da objetividade e imparcialidade, etc. Isso são formas de tentar blindar esse regime de verdade para que gente possa se aproximar da sociedade”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao criar um programa de entrevistas para ser veiculado no formato *podcast*, estudantes de iniciação científica além de praticarem pesquisa tiveram a oportunidade de participar de um produto jornalístico, o que caracteriza a atuação em extensão. Apresentou-se à comunidade uma temporada de entrevistas com pesquisadores e profissionais da área de Jornalismo que atuam no enfrentamento da desinformação.

Os programas buscaram entender questões como as principais características e contexto que fazem com que a desinformação seja amplamente difundida; influência nas tomadas de decisões, sendo elas individuais e coletivas; de que modo afeta a sociedade e suas consequências; formas de combatê-la; qual o papel do jornalismo no combate à desinformação; como educar a sociedade para lidar com as notícias falsas e de quem é esse papel; possíveis medidas que poderiam ser adotadas (pelo jornalista, pesquisador, sociedade e Estado). Nesse processo, o conjunto de entrevistas proporcionou a construção de saberes sobre a desinformação, sob pontos de vista da prática jornalística e da pesquisa, fomentando novos olhares e também questionamentos sobre as dimensões desse fenômeno.

#### REFERÊNCIAS

BERGER, Guy. Prefácio. In: IRETON, Cheryllyn; POSETTI, Julie (editores). **Jornalismo, fake news & desinformação** – manual para educação e treinamento em jornalismo. Série Unesco sobre Educação em Jornalismo. Organização das Nações



REALIZAÇÃO



APOIO



Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2020. Disponível em: <<http://portaldobibliotecario.com/wp-content/uploads/2020/06/ManualFakeNews.pdf>>. Acesso em: abr. 2021.

FORT, Mônica C.; CARVALHO, Guilherme G. de. Desinformação, *fake news* e o papel dos meios de comunicação. Rota de aprendizagem do curso de Jornalismo. Centro Universitário Internacional – **Uninter**. Curitiba: Grupo Uninter, 2021.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder:** da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2013.

PEREIRA, Fábio; NEVES, Laura Maria. **A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 29, p. 35-50, dez. 2013.

VIEIRA, Karine M. **O aprender e o saber da escuta: a entrevista como arquivo, prática e estratégia metodológica na pesquisa com jornalistas.** Intercom - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2831-1.pdf>. Acesso em: mar. de 2022.